TE 217
movimento teatral - década 70
BR.TBES.C.1976
6
Teatro

PESQUISA: "Como vai o movimento teatral em nossa cidade e quem são os frequentadores"? (final)

Teatro Carlos Gomes; muitos conhecem, poucos chegam lá.

"Na semana passada descobrimos quenossos educandos estão totalmente desligados do que chamamos arte teatral. Também constatmos que o único teatro que certa camadasocial frequenta é o Carlos Gomes. Não para a a pesquisa. E necessário abordar outros ângulos dentro do assunto. Ressalva-se que, agumas escolas integradas a rede oficial do ensino procuram desenvolver nos educandos o gosto pela arte dramática, através do desenrolar de um plano de curo. En Vila Velha, o Colégio Dom Bosco chegou pronove, nesse semestre, uma semana de ares com palestras proferidas por especializados no asunto Assim, Cinema e Teatro foram enfocado — em sua realidade — por Amylton de Almeda e Milson Henriques. No colégio Maristas alémde se incentivar o gosto pela dramatizado, ainda são cedidos algumas classes para que, pssoasvoltadas para o assunto, ministre ali, rpido cursnhos de Teatro. A Escola Polivalente de Itaparica chegou à fase de montagem de um texo enuanto a Igreja Batista situada na Glória, ambm utiliza-se desse recurso em sua pasbral, través de representações de peças inintis"

"No meio amador, o grave pecado que cometem nossos artistas é a pressa de se atingir um estrelato, sem levar em conta que o público merece respeito, porque pagou, porque saiu de casa para se divertir. Assim, em finais de outubro, a FECATA foi reunida através de seu diretor, para discutir juntamente com outras pessoas ligadas ao teatro se — A Menina dos Olhos Verdes — prosseguiria em cartaz. Horas e horas em discussões e nada foi concluido baseado em clima de verdades, Sabe-se que, nem sempre se mostra a um diretor ou ator que ele é totalmente inapto para desenvolver esse tipo de atividade, podendo ser bem melhor e produtivo em outras que exigem menos conhecimento. Em nosso amadorismo há um medo enorme de se dizer NÃO a quem começa principalmente numa direção. Daí, prosseguirmos assistindo a mau espetáculos, onde o paternalismo é observado e sentido, durante as apresentações, em escala muito maior que o próprio texto pretendido. É preciso alertar ao novo ator, ou ao novo diretor para estes erros que também afastam o público do teatro. Se este não dispõe de tempo para ver uma boa montagem, jamais sairá de casa para pagar alguma coisa promovida pela arte local".

"A pressa do estrelato, na maioria das vezes totalmente prejudicial, impede o nosso amador partilhar de pequenos cursos que são oferecidos no decorrer de um ano, pela Fundação Cultural. Ainda nesse 78, a FC realizou com professores de peso, um microcurso de formação de atores com aulas de Expressão Cultural; Interpretação de Textos; Empostação de Voz; Interpretação além de Psicanálise. Cerca de 32 alunos começaram o curso, mas este terminou com uma minoria. E bem verdade que, problemas particulares ocorreram, como foi o caso das aulas de Canto, mas que foram dadas até o final. Nossos atores, os mais atuantes no meio, deixaram de comparecer a esse curso, e os que subiram ao Teatro Estudio, muitos deles, não levaram a tarefa até o final. Houve casos ainda em que, algumas pessoas foram eliminadas na seleção para o curso devido a sua curta aprendizagem escolar. Estas pessoas passaram a ser ouvintes, e, muitas vezes se tornaram bem melhores alunos — fator vocação — que os que tinham formação universitária, totalmente inaptos para o palco, sem nenhuma coordenação motora ou emocional requisitos básicos e essenciais no ator."

"O Problema não é sentido somente no meio artístico de Vitoria. É geral e se expande a cada vez mais. Escolas e escolas em aparecido espalhadas por todo esse Brasil, onde oferta é tentadora: Estude, arte dramática por correspondência e alcance o estrelato. A revista do Jornal do Brasil, de nº 132, aborda muito bem o assunto esta como exemplo as projeções de Gloria Pires (Marisa da novela Dancin' Days), Cristiane Torloni, Siva Salgado, Suzana Queiroz, Ricardo Wanick, Reje Machado e Sônia Regina. Estes hoje, astros e estelas, projetaram-se por acaso, mas fizeram ao menos um pequeno curso conscientes de que, esse mesmo aprendizado, não lhes dariam grandes chances de atingir o nível de Fernanda Montenegro. Até esses artistas, que são sucesso em televisão temem enfrentar teatro isto é, cara a cara com o público, onde a resposta não é dada em próximos capítulos. Resta esperar por melhores oportunidades para o artista local enfermos de aprendizagem, e que este aprenda que, para subir na profissão não basta apenas uma peça: é um mais, é preciso esquecer o HOMEM em si para ir ao público a vida do outro, a do PERSONAGEM com sua característica real, através das mensagens."

Reportagem de: Vitorina Gonçalves
Fotos de: Roniero Mendonça

"CHATONILDO"

Por falta de amadurecimento, por questões de se agarrar a uma projeção inicial — que começa assim que os nomes são citados em jornais — alguns de nossos artistas locais, inclusos no chamado amadorismo teatral cometem graves pecados contra essa arte, e contra si mesmo. Para que tudo isso aconteça, assim principia o nosso ator ou atriz que, com o tempo perde a noção total do que se chama HUMILDADE para admitir críticas que visam construir e não por manias de perseguição. Peguemos por exemplo uma pessoa que até então nunca tinha sido despertado para a arte teatral, nunca foi a um teatro, ou disso nunca ouviu falar. Sigamos suas atitudes comportamentais, lá da base:

1º — Esse iniciante em meio a um grupo, conhece acidentalmente elementos — ou um elemento de preferência — que esteja ligado ao meio teatral.

2 — Esse novato, previamente informado que o FULANO é um bom ator, tenta manter um diálogo, e principalmente, mostrar que também está por dentro de todos os assuntos e palavreados ligados ao meio.

3 — Conversa vai, conversa vem, esse novato — vamos dar-lhe um nome — "chantonildo", descobre que o ator que ele conheceu está montando ou ensaiando uma peça.

4 — Chatonildo começa a fechar o cerco e, de repente num passe mágico, tem acesso aos locais de ensaios e não perde nenhum.

5 — Durante os ensaios, além de querer conversar somente com o seu ator preferido Chatonildo começa a dar sugestões que mais vezes prejudicam os trabalhos, que já são escassos.

6 — É justo num desses momentos de ensaios, que o chatonildo sente baixar em seu corpo o "cabocio ator". Aí ele persiste, e só desloca do seu ANJO PROTETOR, quando for convidado a integrar o elenco de uma montagem.

7 — Feliz da vida, por esta pequena vitória, Chatonildo recebe a peça, suas orientações e não reclama se o seu papel é pequeno. Nos ensaios é sempre o primeiro a chegar. Está pronto para ajudar em tudo, desde compras para o grupo, até construção de cenários ou pregar cartazes na rua. Torná-se realmente um interessado.

8 — Chatonildo, além de decorar em primeiro lugar o seu papel, começa a sua própria divulgação — cara, agora sou ator! — Frequenta teatros locais, vira-se e consegue dinheiro para as peças de fora. Começa a desenvolver o espírito crítico, a identificar os elementos ligados ao meio e força novas aproximações.

9 — Depois de aprendidas as marcações — (ressalva-se, Chatonildo é sempre um esforçado, mesmo não tendo aptidão para o teatro), compra todos os jornais que falam de sua montagem isto é, da qual faz parte, além do mais, confecciona o seu próprio álbum que é mostrado por onde anda.

10 — Chatonildo sente todas as angústias quando a estréia se aproxima. Não dorme direito, é aquela sensação desagradável de ficar só no banheiro. Sabe que existe um negócio chamado CRITICO TEATRAL, que estes trabalham em jornais, e não medem palavras para elogiar ou criticar. Chatonildo tem na cabeça algo muito interessante, ele é sempre o melhor de todos, por isso vai esperar as melhores críticas possíveis.

11 — Finalmente chega o dia da estréia. Chatonildo por trás dos bastidores, já rezou suas ladainhas, ficou de olho no buraco da cortina para ver o público—quantidade— e quem é o crítico presente.. Entra em cena, com as graças de Deus. Saindo a primeira fala, o resto é fácil, Sai de cena e a angústia volta: será que a platéia vai aplaudir no final?

12 — A peça acaba. Fica a tensão da crítica. É a compração dos jornais e comentários das críticas. Se o espetáculo é elogiado, Chatonildo vibra. Se não é citado ou se é citado com malhação, Chatonildo vira crítico dos críticos é o mais árduo defensor dos erros cometidos pelo grupo.

13 — Chatonildo não pára por aí. Quer provar aos críticos que ele é capaz de fazer algo bom e sério. Dá entrevistas e malha os que acompanham a arte há muito tempo. Daí ele se sente ASTRO. É exatamente nessa fase que perde a HUMILDADE por não saber nada, ou saber muito pouco da arte teatral, de dramatizações, de interpretações.

14 — Chatonildo resolve se auto-firmar e começa a escolher uma peça, ou mesmo escrevê-la. [illegible] seu próprio grupo nele é firmado em alguma base, vira DIRETOR. Ressalva-se [illegible] se tornou inimigo até daquele que um dia foi seu ANJO

15 — É lógico, que [illegible] primeira montagem — [illegible] DIRETOR [illegible] vai [illegible] barreiras [illegible] por mais que seja por grupos ou pessoas. Às vezes [illegible] ÃO, malha os outros jornais existentes na cidade, especialmente [illegible] ÍCULO ligados ao setor teatro.

16 — Chatonildo não desiste. Briga com a Fundação Cultural; luta por conseguir dinheiro para filiar seu grupo à FECATA, depois briga para conseguir dias para ensaiar e, posteriormente apresentar sua peça.

17 — Se consegue vencer, e consegue algum sucesso em termos de público e crítico, Chatonildo perde esse nome que até então o caracterizou e torna-se pois, ninguém o segura mais — O ATOR, A ESTRELA, O DIRETOR, OS ETCS.

CONSEQUÊNCIAS

Daí, o nosso meio teatral, tende a correr riscos devidos a novos problemas que se criam na ascenção de, principalmente um novo diretor teatral na cidade. É que, na maioria das vezes, esse PSEUDO-DIRETOR não está preparado, físico, emocional, econômico ou culturalmente — principalmente — para se ligar a este ramo. Falta-lhe as noções primordiais da origem do Teatro, do seu desenvolvimento de sua expansão e influência numa sociedade. Falta-lhe o amadurecimento para julgar os gestos, para qualificar o timbre, o tipo de voz, de força, a ser jogada nesta ou naquela frase e a ser feita ao expectador. Falta-lhe a consciência de que, o público muitas vezes também afasta-se do teatro, não valoriza nenhum movimento local, sendo um constante ausente, justo por ter pago para assistir um espetáculo que não transmitiu nenhuma mensagem, estava sem nenhum enredo, faltando ainda, ao menos, empolgação ou motivação por parte dos próprios elementos que estavam no palco se dizendo atores, em todas as letras maiúsculas.

A FECATA reunida para discutir "A Menina dos Olhos Verdes"

"Algumas pessoas ligadas ao meio teatral de nossa cidade foram consultadas sobre diversas questões e deram estas respostas:"

MILSON HENRIQUES

AT — Desde quando você coordena atividades ligadas ao Teatro Estúdio?

MILSON — Abril de 1977

AT — Que tipo de peças tem mais aceitas do público no TE?

M — Infantis e humorísticos.

AT — Compare as atividades ligadas a arte de quando você chegou por aqui ao ano de 197[illegible]

M — Completamente estacionadas. Nes[illegible] 12 anos, houveram algumas tentativas, mas [illegible] fracassaram seis meses depois. Primeir[illegible] por total ignorância do público,que só vai ao teatro se no elenco estiver algum nome famo[illegible] da novela das seis ou das oito do momento. Sendo, porque noventa por cento das pessoas que fazem teatro em Vitória, pecam por imaturidade, provincianismo, fofoca, estrelismo, falta de humildade, falta de responsabilidade, falta de cultura geral, falta de interesse em fazer teatro sério. (Estão mais preocupadas se o nome saiu direito nos jornais do que se trabalhou bem no palco), e, ultimamente pelos que se julgam "gênios incompreendidos" e inventam perseguições e dificuldades inexistentes para desculparem sua mediocridade e seu fracasso na vida profissional. Donde chega-se a conclusão de que o teatro capixaba continua existindo apenas nas páginas especializadas dos jornais e nas briguinhas histéricas dos bastidores entre os "artistas".

AT — O que é necessário a um grupo para apresentar-se no TE?

M — Primeiramente verificar se tem data livre no Teatro. Depois enviar um ofício ao Encarregado do Setor de Teatro da Fundação Cultural, sr. Luiz Tadeu Teixeira, contendo a ficha técnica do espetáculo, especificando a data que pretende se apresentar, um curriculum do Grupo ou do Diretor-Artístico, atestado de liberação da Censura Federal (ou protocolo), autorização da SBAT e uma cópia do texto. No caso de se pretender um **Auxílio-Montagem** da Fundação, acrescente-se um atestado de registro na Fecata e um orçamento da montagem justificando-se os gastos.

AT — Alguma reformulação prevista para o ano de 1979, no TE?

M — Não. Continuaremos apresentando peças infantis e peças experimentais locais. Além de continuar sendo local de ensaios dos grupos que quiserem.

AT — "Queimado" ficou no passado?

M — Não. O problema é que esta peça necessita de, no mínimo, 11 atores, e como já disse a dificuldade de se encontrar gente que queira levar o teatro realmente a sério aqui em Vitória é enorme. Não sei se chega a esse número... Mas um dia, quem sabe?

AT — Cite 10 espetáculos ligados a arte em geral que tenham levado público aos teatros locais?

M — Com exceção dos musicais — Projeto Pixinguinha, por exemplo — todas as peças que tiveram no elenco nomes consagrados pela televisão,independentes da qualidade dos mesmos. Em termos de teatro capixaba, o último grande sucesso foi "Carmélia Por Amor", em1975

AT — Em 79 você volta aos palcos para dirigir, ser ator, ou será apenas o coordenador do TE?

M — Por ser considerado o "Ano Internacional da Criança", pretendo dirigir duas outras peças infantis, talvez fazendo pequenos papéis. Uma adulta como diretor. Como ator, depende do texto e da proposta.

AT — As peças teatrais existentes no TE, são de acesso ao público em geral?

M — As peças geralmente são. O TEATRO é que parece não ser.

AGOSTINO LÁZZARO

AT — Como você vê o movimento teatral no ES?

LAZZARO — Vejo o movimento teatral no ES (aliás nem sei bem, convém empregar a palavra ainda, com raríssimas exceções. Se for vivo no sentido etmológico, da palavra, ainda inexiste. Comparo-o com a tal da redemocratização.

AT — A que grupo teatral você está ligado?

LÁZZARO — Não tenho grupo fixo, pois tudo isto é um processo de transformação, ou melhor, o grupo ao qual me ligarei será sempre aquele que encarar a arte sem paternalismo colonialista e sim como um caminho de busca, pesquisas, erros e acertos, e que tenham uma proposta de trabalho criadora e não meramente repetitiva e plagiadora.

AT — O que você cita como fatores negativos, que impede o público de ir ao TE?

LÁZZARO — O problema maior não é tanto o fator localização mas sim, o público que ainda não tem o hábito de ir ao teatro. Se no Teatro Carlos Gomes que é a casa nobre do Estado, o público é escasso, no TE, a situação é pior. Então o problema não é localização, e sim o próprio espectador pois, para um público já não importa que a casa de espetáculo esteja até debaixo d'água, mais ele chega lá.

O público deve ser conscientizado de que faz parte do processo histórico da nação em que vive e deve ter consciência nítida de que o teatro representa a luta do homem (povo) no seu dia a dia, onde reinvindica os seus direitos mais elementares. Deve se conscientizar de que o teatro não é uma arte isolada e destinada a burguesia em decadência, mas sim um instrumento de luta em potencial que ativa o processo histórico de qualquer país que deseja um mundo melhor e mais conhecente com o ser humano. Em suma, o povo, tem que ter mais consciência de que o teatro antes de mais nada é em primeiro lugar, um grito a liberdade.

AT — Que peças você já apresentou?

LÁZZARO — Textos de Pirandello (1973) em Pelotas RGS; "A Hora e a Vez de Augusto Matraga" (1974), adaptação do conto de Guimarães Rosa em Campinas SP. "Romanceiros da Inconfidência" 1975, de Cecília Meirelles em São José do Rio Preto — SP; "Crime e Castigo" (1974) adaptação de Feodor Dostoievsky — São José do Rio Preto SP; "Le Rane" (1976, montagem italiana no séc. XXIV, ciclo di Spettacoli Classici, em Siracusa Itália, de Aristófanes. "Antígona" de Sófocles; o "Eu Profundo de Fernando Pessoa"; "A Mãe Provisória", de Oscar Gama Filho e o "Mundo Composto".

OLÍVIO CABRAL

AT — Há entrosamento entre as emissoras locais de TV, quando o objetivo é promover a "arte em geral"?

OLÍVIO — Como espectador tenho assistido a as emissoras de TV, principalmente quando o assunto é a Arte em Geral. Um exemplo é a participação da TV-Gazeta na cobertura e promoção de peças e apresentações de artistas no Teatro Carlos Gomes ou no Circo da Cultura, a exemplo do que ocorre com a TV Espírito Santo.

ST — Que tipo de programação é feita pela TV—ES para atingir o públicoinfantil?

OLÍVIO — A preocupação com relação a uma programação infantil tem sido parte do cotidiano do Canal 2. Iniciamos uma programação local com a participação de alunos de vários Colégios da Grande Vitória, que apesar de não atingir ainda o desejado, foi o porto inicial para a estruturação de uma agenda de programas infantis que a TV-Espírito Santo pretende produzir tão logo receba os equipamentos necessários.

AT—Além do programa "Faz de Conta" que é a única produção infantil local, a TV-ES apresenta diariamente e semanalmente "Turma do Lambe-Lambe" e seriado "Pluft, o Fantasminha" que são produzidos pela TV—Educativa do Rio de Janeiro. "O Faz de Conta" é um encontro entre alunos e a tia Lena — reponsável pelo programa — com a finalidade de esinibir a criança, proporcionando oportunidde para um conhecimento mais dileto com ummissor de televisão.

Apesar das deficiências ocasionada pelas limitações técnicas, o que estrangula o poder de criação produção, o programa "Faz de Conta" tem alcançado um nível satisfatório em adiência.

AT — Quais são as barreiras que impedem o público de partipar mais das programações do TCG e do TE?

OLÍVIO — Com relação ao Teatro Carlos Gomes eu não posso acreditar que existam barreiras impedindo a participação do público. Acredito que não existem, porque a presença do público tem sido marcante constante. Se esse público que comparece ao Teatro Carlos Gomes é formado exclusivamente por pessoas de uma faixa privilegiada de poder social ou poder aquisitivo isso eu não posso determinar porque ainda não tive conhecimento de nenhuma pesquisa a respeito. O distancimento do público do Teatro Estúdio tudo leva crer que a localização seja o principal motivo.

AT — Você já esteve ligado a algum movimento artístico local?

OLÍVIO — Em essa ilha eu nunca estive ligado a movimento de arte. O tempo para as responsabilidades funcionais que tenho assumido, tem sido muito restrito, impossibilitando-me de manter contatos mais efetivos com os movimentos de arte, apesar de acompanhar como expectador a maioria das produções realizadas.

AT — Houve evolução do movimento teatral local?

OLÍVIO — Como espectador tenho assistido a evolução teatral no ES. Ela realmente existe, em conjunto com a vontade imensa de produção dos jovens. É claro que no conjunto e na vontade de realizações, algumas produções ficam divorciadas dos pontos básicos de uma montagem artística, mas que não desmerecem no seu todo o entusiasmo e o registro de que a evolução está presente.

LENA BORGES

AT — Lena como você vê o movimento artístico de nossa cidade?

LENA: — Eu o vejo de uma maneira, como que estivesse numa fase especial, esta que podemos comparar à fase da criança quando começa a engatinhar, isto é, a atenção tende a ser voltada para todas as suas novidades, todo o cuidado ainda é pouco e por aí em diante. O ritmo está se acomodando dentro de uma nova divulgação, crítica, movimentos a favor. Mas apesar de tudo isto, ainda falta muita coisa, principalmente a garra, e a certeza de uma auto-afirmação como: TAMBÉM SOMOS IMPORTANTES.

AT — Quais as dificuldades que impede o povo

LENA: — e grande a melhora em relação a presença do povo, no Teatro Carlos Gomes talvez, a partir de "Noites Capixabas", foi criado uma conscientização de que o TCG foi feito também para abrigar os amantes da arte, sem limitações de classe, somente ser válido, o ponto que desejam atingir.

Quanto ao Teatro Estúdio, por mais que este seja pequeno, o que falta mesmo é a divulgação do seu local. Mostrar ao povo, em primeiro lugar onde está situado o teatro; para então partir para espetáculos adequados ao seu tamanho. O Teatro Estúdio é um cantinho aconchegante a ser descoberto.

AT — Pretende voltar aos palcos?

LENA: — Olha, a minha experiência em "Como conquistar um coronel sem fazer força" foi muito importante por várias motivos que tentarei classificar. Sendo um espetáculo de autoria de Milson Henriques, justificou mais ainda a garra em que me envolvi, isto porque eu respeito muito este nome, não só por amizade, mas no meio artístico de Vitória, "O Coronel" foi tão válido, pois tudo concluiu-se num trabalho de seriedade e amor, para atingir, apesar de grande surpresa para mim, resultados excelentes. Não tenho queixas quanto ao meio, valeu muito a pena, e coisas boas não se deve deixar pra trás. Talvez um dia, quem sabe... sendo um trabalho que faça o público se manifestar de forma participante, através de gargalhadas e aplausos, sim, vale a pena voltar, para uma luta de repetição caminhando para melhor.

AT — Cite cinco bons espetáculos promovidos pela Fundação Cultural.

LENA: — A Fundação Cultural, neste ano, levou ao público capixaba, uma variedade de espetáculos de bons e excelentes níveis. Começo citando, a realização do Projeto Pixinguinha, que além de mostrar que o TCG é um espetáculo estabelecimento artístico para todos, trouxe aqui, grandes nomes da música popular brasileira, com shows maravilhosos. Peça teatral sucesso: Anjo da Neve, pois considero um bom espetáculo, falo também de espetáculos teatrais com presenças de artistas e trabalhos como o de "Dias Gomes", o "Santo Inquérito". Presenças como a de Ivan Lins, Carlos Lyra entre outros. Enfim, foi um ano que o capixaba teve muita escolha, em comparação com os anteriores.

SEBASTIÃO CARNEIRO

AT — Compare o amadorismo teatral do Rio de Janeiro à realidade atual de Vitória.

SEBASTIÃO: — No Rio havia o teatro arte-sanal com participação de todos os grupos onde todos confeccionavam da roupa ao cenário. As peças eram buscadas em sebos. As apresentações eram feitas em igrejas, e praças. Em Vitória dá-se ao contrário, há o estrelismo e, com algumas ressalvas choques de grupos.

AT: Em Vitória existe a Fecata e no Rio, no seu tempo de amadorismo por lá?

SEBASTIÃO: No meu tempo de Vila Kennedy (um conjunto de 13 favelas), havia essas opções: ou se voltava para o futebol, para [illegible] de samba ou para a marginalização com o aparecimento de um líder, voltado para a arte, os elementos que também se interessavam e que não queriam ficar nas opções citadas, foram integrando-se com responsabilidades, sem se prender a nenhum órgão ligado ao teatro. O nosso grupo chamava-se "Os Korteses" da Vila Kennedy e as peças encenadas giravam em torno

de temas sacros ou jograis. Além disso, montavamos espetáculos valorizando os artistas do bairro e tinha muita frequência.

AT — Por que o TE é mal frequentado?

SEBASTIÃO — Má localização e não há indicação.

AT — Se Regina Duarte, Tony Ramos, Tonia Carrero fizessem uma apresentação no TE, daria público?

SEBASTIÃO: Sim, as mesmas pessoas que frequentam o TCG, devido ao alcance que esses astros conseguiram. Além do mais, para o artista de fora, há divulgação em horário nobre.

AT — A Federação Capixaba do Teatro Amador — FECATA — Atingiu alguns de seus objetivos?

SEBASTIÃO: Sim, e pode atingir muito mais. É necessário que os grupos se registrem para maior produção. Ex. O "Capitão e o Cabra", dentro dos objetivos foram quase todos alcançados, pois tivemos participação do povo, que não está acostumado ao teatro.

AT — Cite quatro boas promoções feitas pela Fundação Cultural.

SEBASTIÃO: — Projeto Pixinguinha, Moqueca, "Ferocidade" com Ana Lúcia Torres e Ivan Cândido e Anjo de Neve, com Neusa Faro e Luiz Damasceno.

LUIZ SÉRGIO QUARTO

AT — Como você vê o movimento teatral em nosso Estado?

LUIZ SÉRGIO QUARTO, professor — Está indo muito bem. Basta ir à III Mostra de Teatro Universitário da UFES. Por ex: a montagem de "Muro de Arrimo" foi magnífica. Tudo funcionou bem tecnicamente. Grande atuação do ator Robson Moreira. Fiquei sabendo também do sucesso de outras montagens. E os grupos ligados à FECATA estão cada vez mais motivados; e com isso 79 deverá ser um ano promissor para o nosso teatro.

at - O que impede o público de frequentar mais essa arte?

LS — Uma conquista esquematizada pelos grupos teatrais, Fundação Cultural e outros órgãos: sentido de ir ao público; de ir a todos os bairros montando peças ao nível de todos, não só ao nível dos intelectuais.

muitas vezes a formação cultural, a falta de sociabilidade e iniciativa por parte de certos grupos em "promover seus próprios espetáculos lar entrevistas, escolher textos, proferir palestras em escolas, partir para debates, seminários, etc., impede o público em optar o teatro como lazer ou necessidade cultural.

Ao isso em termo de nossa cidade neste ano de 78, de acordo com a minha vivência, que é cut nos meios teatrais. Outro argumento basta: discutido em todo o país é o "preço [illegible] dos ingressos". E o Teatro Carlos Gomes popularizou-se com o Projeto Pixinguinha. Mas não foi o bastante. A sua imponência e sua tradição afasta o povo. Já o TEATRO ESTÚDIO, é mal divulgado.

AT - Quais os empecilhos para se chegar ao TEATRO ESTÚDIO?

LS - Para quem gosta realmente de Teatro, nenhu. Para aqueles que vão ao Teatro, por "star"; o Teatro Estúdio não dá Ibope pra ninguém. E torna-se difícil subir 10 andares de elevador. Mas, infelizmente o nosso povo ainda é acodado. Mas está aumentando o público de teatro. Vitória já está conseguindo formar um gosto e bom público assistente de teatro. Quando a peça é boa, muita gente se esforça para ir TE.

AT — Qual o que você mais gostou em apresentação? Postura generalizada, na arte local?

LS - No Teatro Infantil, levando-se em consideração a didática, o diálogo e a mensagem; o melhor foi "A Guerrinha dos Animais". Mas sei porque que o melhor espetáculo infantil do ano foi "Sets", também gostei do; o: Chorinho de Marcio de Oliveira e seu regional no Circo da Cultura; Projeto Muqueca, com Vitorina Gonçalves de Jorge Veiga, Grupo chegança e Alceu Valença; as peças "Muro de Arrimo" e o "Capitão e o Cabra"; 1ª Mostra de jovem instrumentista Capixaba, da UFES, sub-Reitoria Comunitária; A exposição da pintora capixaba Aldi Lofego, na Capela Santa Luzia; Os lançamentos de Reinaldo S., Neves, Amylton de Almeida, Cristiano Ferreira Fraga e a Revista "S19".

AT — A propaganda impulsiona maior frequência ao Teatro?

LS — Sim. E muito. "ANJO DE NEVE" mereceu maior publicidade, para que o Teatro Estúdio superlotasse. Dessa for por certo tempo, as atrizes de novelas de tão perfeita a extraordinária interpretação de Neusa Faro. Quando aqui se apresentam atrizes da Globo, além de grandes entrevistas, destaques em jornais, ganham muitas notinhas nas colunas sociais. E o grande espaço de teatro aos domingos na imprensa "diminui" principalmente no caso de, Anjo de Neve, o que foi uma pena.

AT — Alguma sugestão para melhorar o nível de essa arte?

LS— Incluir nos Currículos escolares — 1º e 2º graus (magistério em especial — teatro infantil) a matéria "Teatro", mas, não como opção. No Rio Grande do Sul, inclusive em algumas escolas (antigas Escolas Normais), Institutos de Educação, o Teatro é matéria obrigatória. O mesmo deveria ocorrer no curso superior de LETRAS também. Não só literatura, história e escolas... e sim montagens, textos, encenações, enfim todas as técnicas que envolvam o Teatro

AT — Participa de algum movimento ligado a arte?

LS — Trabalho num novo departamento da Secretaria Municipal de Educação que é o Departamento de Desenvolvimento Cultural, que tem como chefe Maria Helena de Medeiros. Em 26.8 foi realizado o IV festival do Folclore do SESC; o 1º Concurso de Poesias Ilustradas para as Escolas da Rede Municipal de Ensino, com mais de 100 crianças participando. Em Literatura Infantil, escrevo para a Gazetinha — "Histórias da Velha Gotaberia".

ARQUIVO PÚBLICO ESPÍRITO SANTO